

2

Sistema social literatura

A investigação no âmbito das pequenas e médias editoras implica a utilização de uma moldura teórica que conceba a literatura como um fenômeno literário e que a considere em toda a sua complexidade. Para o estudo de tal fenômeno há de se ter um aporte de pressupostos que ampliem a visão de estudos teóricos limitados à análise do texto e/ou que estejam direcionados à apreciação da linguagem e às características textuais. Para tanto, pode-se recorrer às teorias sistêmicas, como a Ciência Empírica da Literatura – desenvolvida a partir de bases construtivistas –, que contempla esse tipo de abordagem sob uma perspectiva pragmática. A teoria reúne em sua proposta questionamentos acerca dos elementos e dos agentes formadores dos processos do sistema literário.

Esse projeto teórico empírico foi desenvolvido, dentre outros, por Siegfried Schmidt, na Alemanha¹, e tornou-se importante para os estudos de literatura por muitas razões, entre elas: por considerar a complexidade do fenômeno literário, conforme foi mencionado; por lidar com os demais sistemas e levar em conta as relações entre eles; por contextualizar as alterações ocorridas no processo de evolução do sistema literatura; por permitir um olhar sobre a interferência das ações dos agentes que atuam nesse sistema.

Portanto, tais pressupostos levam a crer que o modelo teórico ofertado sob essas bases de complexidade permite – a partir da aplicação de esquemas que mapeiam os processos literários – estabelecer critérios para o entendimento das relações entre os elementos do sistema que apontam para a compreensão da literatura como fenômeno. Tais embasamentos oferecem instrumentos capazes de auxiliar na abordagem desse sistema para solucionar questões atuais da literatura.

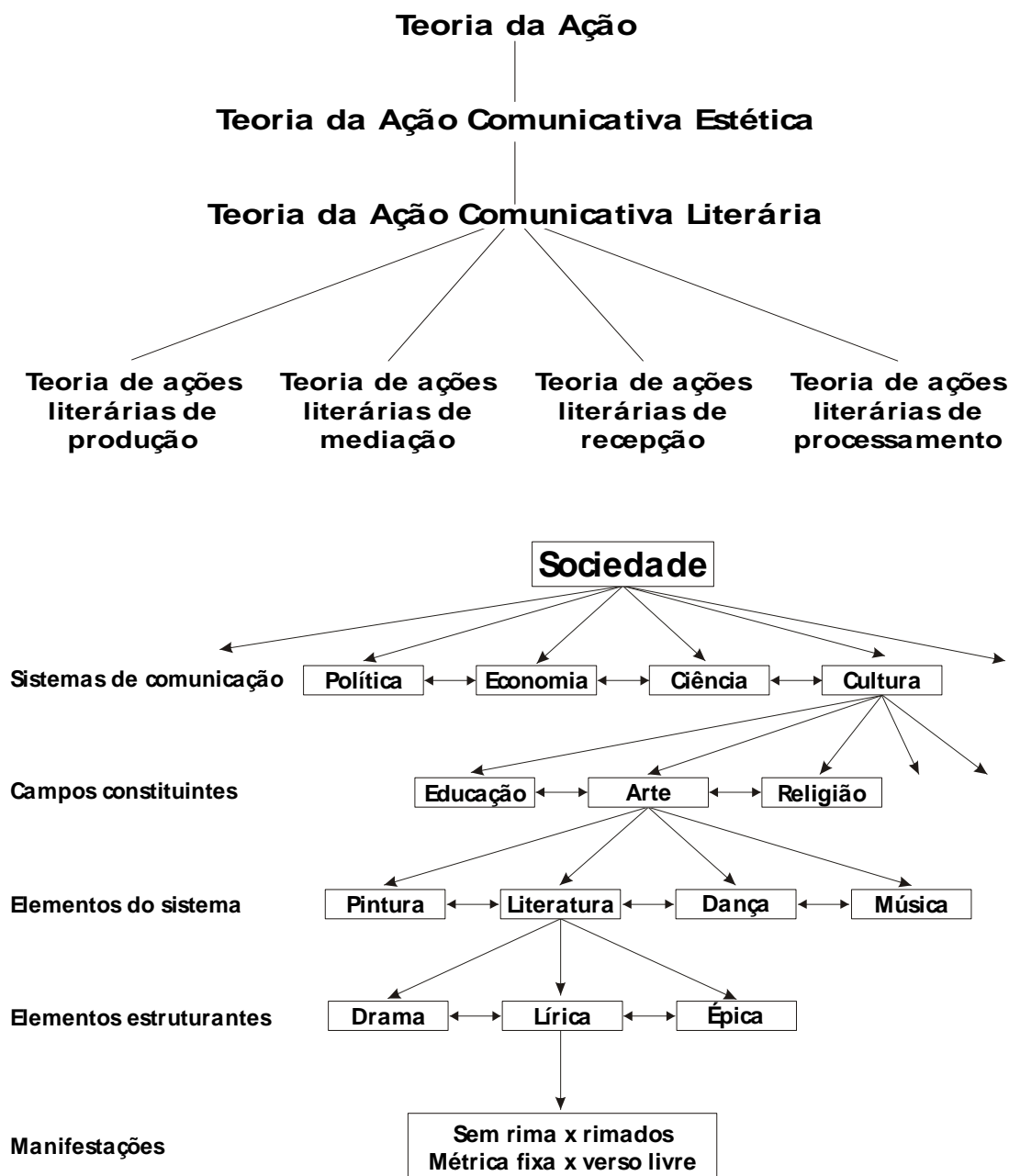
O modelo de ação comunicativa de Schmidt abraça vários conceitos. É necessário examiná-los para que se possa chegar àquilo que hoje se denomina teoria de mediação literária e que interessa na investigação do *corpus* deste trabalho. Siegfried Schmidt resume o conceito de literatura nos pressupostos da

¹O projeto da Ciência Empírica da Literatura foi desenvolvido a partir de 1973, em cooperação com o grupo de pesquisa NIKOL, na Universidade de Bielefeld, e desde 1980 na Universidade de Siegen.

teoria empírica que é construído a partir de síndromes de texto-ação quando “as unidades menores são ações que, junto com suas condições, resultados e conseqüências, focalizam fenômenos [...] que os agentes consideram literários” (Schmidt, 1989, p.62). Estas ações são denominadas ações literárias, que se concentram em basicamente quatro tipos de ações elementares, na qual a teoria de ações literárias de mediação é a abordada para explicar as relações de editores com os demais elementos do sistema. Conforme a Figura 1:

Figura 1 – Sistemas

A Estrutura da Rede Teórica da CLE



Para Siegfried Schmidt, obras literárias não representam unidades autônomas, mas resultam do sistema e das ações nele estruturadas. Desse modo, para esse teórico, a literatura é concebida a partir de um modelo de ação, e não de textos literários. A rede teórica proposta por esse autor pode ser esquematizada como modelo de ação comunicativa literária, quando a teoria da ação contempla a teoria da ação comunicativa, e esta, a teoria da ação comunicativa literária. As combinações de ações literárias resultam em processos literários e, por sua vez a totalidade destes numa sociedade é chamada de ‘sistema literário’. Dessa maneira, o sistema literatura é abordado por ações comunicativas que analisam as diversas dimensões desse sistema, a partir da atuação de papéis de agentes em espaços de produção, mediação, recepção e processamento de textos.

Inseridas em um intrincado circuito do livro que inclui variados contextos, as pequenas e médias editoras, através de ações sociais, articulam entre si e entre os demais sistemas. Tal situação aponta para a necessidade de estabelecer critérios para a análise desse quadro a partir de um modelo teórico que oportunize a investigação sob perspectivas interativas, elásticas e abrangentes. Logo, a noção de sistema literário aponta para um constructo teórico em que importa compreender os processos pelos quais a literatura passa e se transforma no interior do sistema social literatura. Um dos objetivos da tese torna-se, então, conhecer esses elementos de mediação – o editor e a editora –, e assim utilizar o conceito de sistema literário a partir de pressupostos da Ciência Empírica da Literatura como referencial e modelo teórico.

A princípio, essa instância de mediação irá se desenvolver em vários aspectos do sistema social literatura. O modelo teórico aplicado às editoras aponta para resultados diferenciados, à medida que os elementos de mediação em uma grande empresa diferem do aplicado à pequena ou média. A mediação consiste nas ações dos agentes no sistema para participar dos processos que os envolvem e as relações entre eles e os demais sistemas comunicativos.

As pequenas e médias editoras não têm prática de registro, acervo ou memória de documentos; e, quando os tem, o acesso é estritamente restrito e sigiloso – nesse sentido, a tese desenvolve uma reflexão a partir de dados e informações coletadas esparsamente, em que se observam as ações alternativas e específicas desse conjunto de editores. Consiste na investigação das ações sociais concretas baseadas nesses elementos de mediação, que são os agentes literários.

2.1

Ação de Mediação

A teoria da ação é apresentada como o estudo da literatura² – e não como estudo isolado do texto³. Para a execução da ação, é necessário o agente, que poderá ser individual, coletivo, ou institucional. O agente interage no sistema e o sistema interage com outros sistemas entre si, conforme o que já demonstrado na figura 1.

É necessário que se estabeleça a noção de agente de acordo com a teoria da ação na Ciência Empírica, sabendo que alguns conceitos como habilidade, necessidade, motivação e intenção estão integrados. A ‘habilidade’ de um agente designa seu potencial e sua extensão de ação. No caso da noção de ‘necessidade’, encontram-se vários aspectos, como interesse, motivação, valores, normas, emoção e pré-disposição; a necessidade pode ter um caráter biológico ou cultural, conforme observa Schmidt (1982, p. 14).

A teoria da ação comunicativa literária desmembrada no estudo da teoria de mediação literária, segundo Schmidt (1982, p. 124), é construída como um caso especial de ação social que resulta em mediação comunicativa do texto em uma situação contextual. Os agentes precisam ser capazes da ação e também de serem motivados para isso. A ação precisa realizar certas intenções e satisfazer as necessidades desses agentes.

Ao considerar a importância de uma estratégia de mediação comunicativa para o estudo do sistema literário, deve-se desenvolver um esquema de ação a partir dos pressupostos apresentados pela Ciência Empírica da Literatura. Tal procedimento obedece a determinados itens de uma estratégia que poderá partir de um plano que engloba resultados diretos e indiretos de mediação. Deste último, pode-se dizer que o resultado será um novo objeto engendrado e traduzido para outras mídias, enquanto o outro – seja através de agentes individuais ou em grupo – haverá de resultar em reprodução de textos.

² Estudo da literatura aqui é considerado a partir de uma abordagem ampla, que inclui o sistema editorial, assim, possibilita utilizar o termo de maneira mais genérica, abrangente.

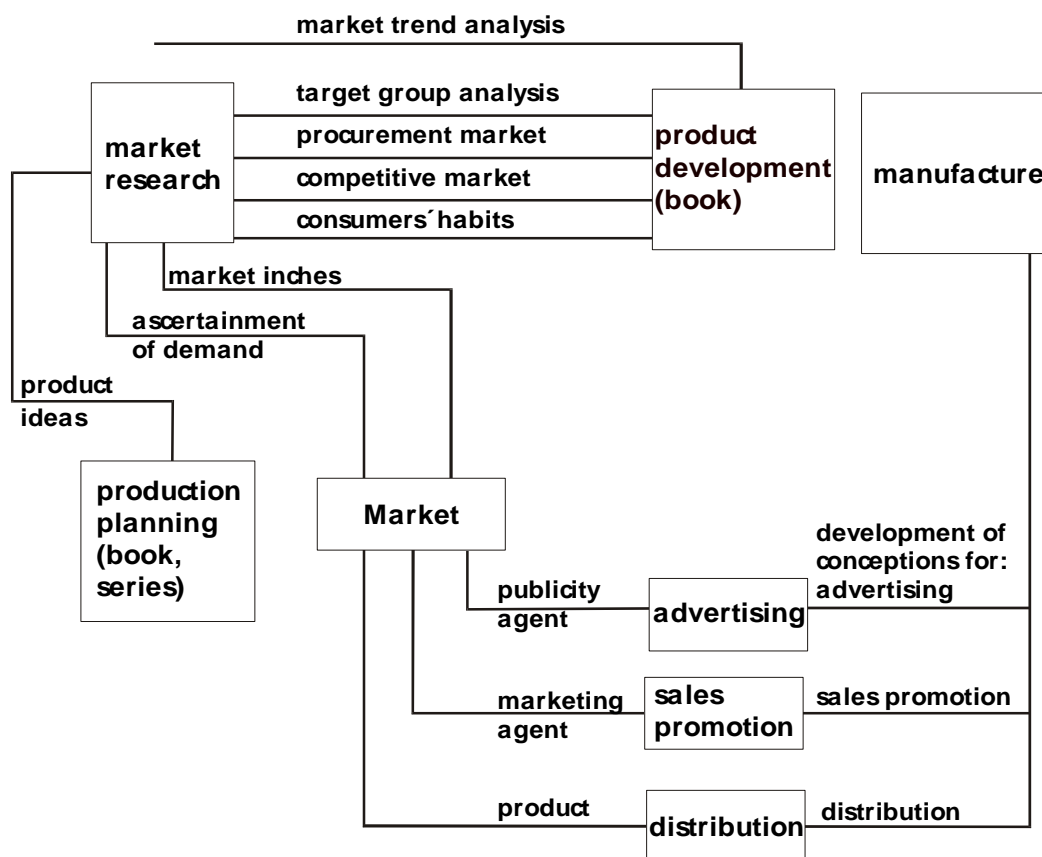
³ Texto, segundo postula Siegfried J. Schmidt, é “todo componente verbalmente enunciado de um ato de comunicação pertinente a um jogo de atuação comunicativa, caracterizado por uma orientação temática e cumprindo uma função comunicativa identificável” (Schmidt, 1978, p. 55).

Segundo Schmidt (1982, p. 126-127), o esquema de ação considera os seguintes itens:

- a) a construção da ação como um todo. Os livros a serem publicados;
- b) os componentes da ação. Por exemplo, o autor;
- c) a implicação dos componentes. As ações do editor, inclusive junto ao autor;
- d) a duração, o tempo disponível para a ação. *Deadlines* para a ação;
- e) ordem nos procedimentos e hierarquias. A prioridade para o autor, antes, por exemplo, do *designer*.
- f) preparação de modos de ação conjunta, entre tipo de composição, impressão etc.;
- g) antecipação de possíveis *post-histories*. Críticas em jornais e revistas.

Ao aplicar os pressupostos apresentados ao estudo do mercado editorial, pode-se considerar o editor como mediador do texto literário. Encontra-se atuando como agente que transforma a aparência de um texto já produzido em outras formas de apresentação e em outros produtos acessíveis que resultam como um texto literário comunicativo. Nesse sentido, a teoria de ação comunicativa propõe um modelo de reflexão que permite um método de aplicação para o estudo de editoras. Esse método está especificado a partir de uma nomenclatura apresentada na figura 2, quando propõe “Modelo de mercado de políticas de publicação de vendas orientadas”:

Figura 2 – Mercado de política de publicação de vendas orientadas



De acordo com a figura, pode-se analisar e classificar a política de publicação a partir de três componentes: pesquisa de mercado, desenvolvimento de produto (livro) e manufatura. Os dois primeiros, porém, encontram-se diretamente relacionados a partir da ‘tendência da análise de mercado’, que compreende:

- a) análise do público-alvo;
- b) procura de mercado;
- c) mercado competidor;
- d) hábitos do consumidor.

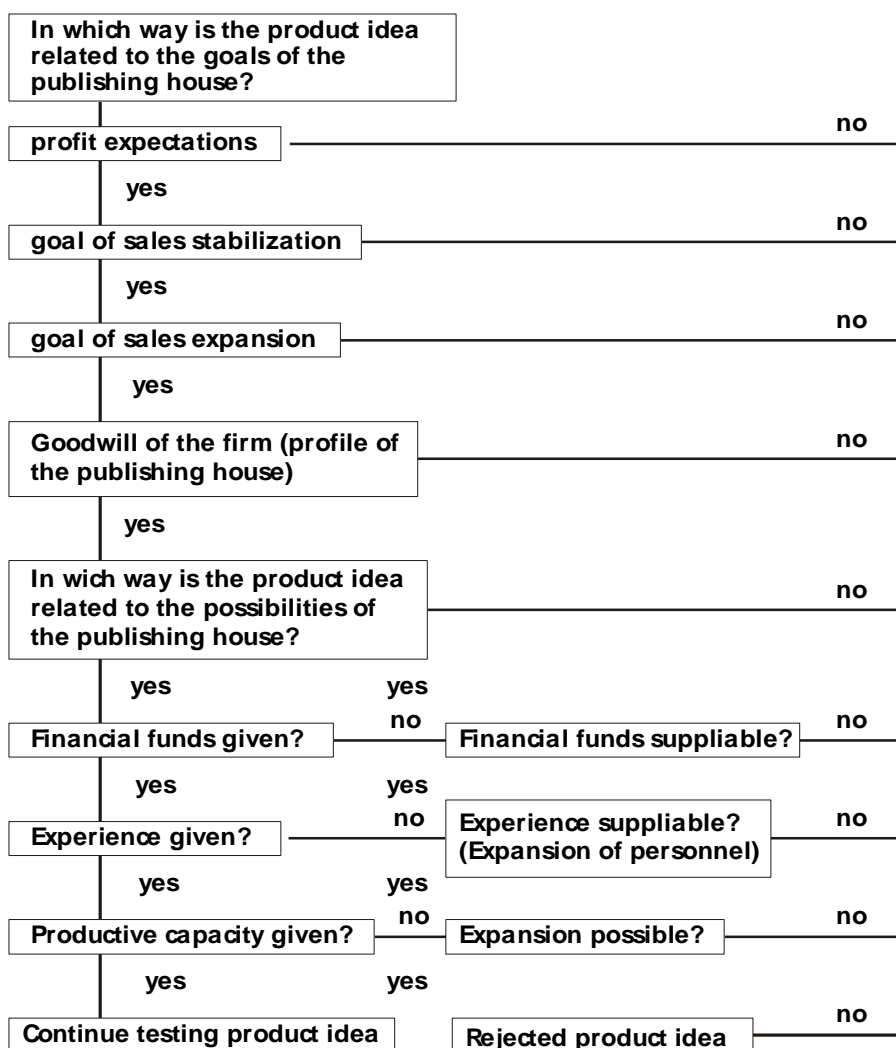
A ‘pesquisa de mercado’ desdobra-se em concepção de ‘tipo de produto’, que vai direcionar o ‘planejamento de produção (livro, séries)’. Essa mesma ‘pesquisa de mercado’ há de dimensionar o ‘tamanho do mercado’ e a ‘medida de demanda’, acabando por desembocar, portanto, no próprio ‘mercado’. Tal ‘mercado’ está desmembrado em ‘desenvolvimento de concepção para propaganda’, dividida em:

- a) agente de publicidade;
- b) agente de marketing;
- c) produto.

Obedecendo-se à seqüência, constata-se que esses três fatores comportam a propaganda, a promoção de vendas e a distribuição, e que, por sua vez, eles se unem à já relacionada ‘concepção de desenvolvimento para propaganda’ que está diretamente ligada à inicialmente citada ‘manufatura’.

Em seguida, parte-se para o esquema que denuncia o campo editorial permeado pela relação com a esfera econômica, caracterizada aqui como “seleção das idéias do produto”, conforme a figura 3 (Schmidt, 1982, p. 130).

Figura 3 – Seleção das idéias do produto



De acordo com Schmidt, em tais esquemas se percebe a relação dos elementos do sistema, no caso a literatura (o livro), com o campo constituinte (a arte) e os sistemas de comunicação (cultura, economia, etc.) constitutivos da ação comunicativa na medida em que, conforme o esquema, a idéia do produto irá ultrapassar ou não as barreiras estipuladas, irá viabilizar ou não a produção. Explicando melhor, a concepção do produto deverá estar mediada por fatores econômicos que contam com sua adequação ao perfil e aos objetivos da editora, ao planejamento de vendas, às possibilidades de realizar o produto em termos de pessoal capacitado, estímulos financeiros, possibilidade de verbas, patrocínio, capacidade produtiva, de expansão logística etc. Caso a editora possua todos esses itens, será possível viabilizar a idéia; ocorrendo o contrário, a concepção será ‘abortada’ no meio do processo e, conseqüentemente, rejeitada.

Todavia, aos modelos econômico e de política de venda orientada apresentados, há a possibilidade de agregar outros conceitos, se se fizerem necessários, ainda que sob o viés sociológico, visando a um maior êxito na investigação.

As modificações no sistema social literário

Nos últimos anos, mudanças significativas afetaram todas as atividades relacionadas ao sistema literário. Em respeito às atividades relacionadas com processo de mediação, destacam-se transformações na relação entre editor e autor referente à questão de direitos autorais, na organização administrativa das editoras e em suas alianças com as demais nos processos de distribuição, afetando a relação com as livrarias e agentes de publicidade, por exemplo.

No início da produção literária está o escritor e seu texto, de maneira que, ao indicar-se o autor e o papel por ele desempenhado, deve-se levar em conta alguns aspectos que ocasionaram mudanças na posição junto ao sistema literário brasileiro atual. O panorama de mudanças descrito a seguir não tem a intenção de aprofundar as informações, mas ao apontá-las indica a existência dos fenômenos e suscita características cuja análise será um dos tópicos centrais desta tese.

Mudanças na produção

A análise do sistema literário atual deve considerar a criação de novos meios de circulação do escrito e o advento da Internet como um desses aspectos relevantes. Seja através de *blogs*, de sítios, do *orkut* etc., a questão de autoria e de circulação da produção é altamente sensível ao acesso e à multiplicação dos textos. Essa questão será abordada sucintamente, não se tratando de foco da tese. Há reflexões bastante aprofundadas sobre a interferência da Internet nos textos, na presença e na prática de leitura, especialmente de Roger Chartier, dentre outros que atravessam a história da leitura confrontando postulados pertinentes à época digital. Sem dúvida, constitui-se em um novo universo que provoca largos efeitos não só na produção, mas nos demais elementos do sistema.

A profissionalização do escritor aponta para a posição social em que o prestígio encontra-se acompanhado da labuta em elaborar o texto, mas também de estar disponível para participar de eventos, lançamentos, palestras e toda sorte de atividades que se situem na esfera da mediação, constituindo tradicionalmente um campo independente da produção de textos como responsabilidade específica de um autor. Além disso, é necessário considerar ainda o surgimento de ações para a formação do autor em cursos e em universidades, em oficinas literárias etc.; é importante lembrar que a academia também é formadora do agente no subsistema de produção. As oficinas literárias são oferecidas por profissionais advindos do mercado erudito. Nessa mesma vertente de profissionalização, tem-se a facilidade de ser autor e editor; nesse sentido, a quantidade de escritores que publicam o próprio livro é grande. Qualquer autor pode publicar seu livro, desde que devidamente orientado, seja através de uma editora (que nem sempre o insere em sua linha editorial) ou mesmo como pessoa física – são cerca de 6.000 empresas cadastradas no setor de ISBN da Fundação Biblioteca Nacional em 2005.

O autor que publica seu próprio livro, ou o editor que escreve sua obra, indica uma superposição das funções de produção e de mediação, característica encontrada também em outros momentos da história do livro em que os autores – eles mesmos – editavam, divulgavam e vendiam seus livros.

A mudança do papel social do autor se dá também através da inserção de funções como a atuação de *ghost-writers* no mercado de produção, de escritores anônimos que profissionalizam o ato de escrever como prestação de serviços

editoriais. E parece tão divulgada que, no romance *Budapeste*, Chico Buarque aborda a temática através do personagem que assume na narrativa uma metarreflexão sobre a autoria da escrita: “Álvaro adestrava o rapaz para escrever não à maneira dos outros, mas à minha maneira de escrever pelos outros...” (Buarque, 2003, p. 23). Nesta passagem, não é questionada a validade da função em si, amplamente aceita, mas o fato da multiplicação desse papel. Seu texto não apresenta mais intenção e vontade pessoal, mas corresponde à solicitação do editor baseada em pesquisas de mercado, ou em intuição do editor, a partir dos títulos mais vendidos ou que deram certo financeiramente em sua editora. Livros sob encomenda e inserção em coleções fazem parte dessa modalidade. Caracteriza-se então a emergência de um mercado do livro organizado ao longo das linhas do capitalismo, que responde à política dos resultados, numa profícua produção para sustentar a demanda por lançamentos.

Alterações na mediação

O que caracteriza o processo de mediação durante o período investigado são sinais que indicam fenômenos como os de concentração editorial e inserção de capital estrangeiro no país, apontando para uma política de “resultados” no que diz respeito à linha editorial compatível com a gestão dos negócios. O surgimento do editor-executivo, aquele que visa o capital financeiro, que orienta a linha editorial e promove a política do *best-seller*. A pressão cavalariça de giro de lançamentos que chegam ao mercado é desproporcional em relação à saída do produto das prateleiras; isso ocasiona o acúmulo de estoque e a demanda de estratégias alternativas para solução desse problema.

A mediação no sistema literário brasileiro atual caracteriza-se, também, pela ação de investimento estrangeiro em editoras brasileiras; de conglomerados de grandes casas editoriais em aquisições de outras menores, a chamada pré-concentração. O governo atua na distribuição de livros escolares através de programas do livro e da leitura, realiza ações de isenção de impostos para beneficiar as editoras, e é o maior consumidor da produção nacional de livros didáticos; também se percebe um movimento acanhado – porém existente – da presença de pequenas editoras brasileiras em feiras fora do país, como em Frankfurt, na Alemanha, dentre outros movimentos de participação do setor em

instâncias internacionais, como a Aliança dos Editores Independentes, na França.

Percebe-se, também, o aumento de grandes redes de livrarias pelo país; as políticas administrativas de rotatividade de estoque, seja por consignação ou mesmo devolução de livros, resultam em uma complexa rede de relações em que o grande editor tem o poder de negociar seu espaço nessas lojas enquanto o pequeno e o médio concorrem para esse mesmo espaço de forma desigual, sobretudo no que diz respeito aos descontos entre livraria e editora.

Também constitui o cenário editorial brasileiro uma escassez de acervo atualizado em bibliotecas escolares e universitárias, tanto nas instituições públicas quanto nas particulares. Algumas ações governamentais vêm sendo realizadas no sentido de minorar as diferenças de acesso ao livro; no entanto, a falta desses nas bibliotecas brasileiras é tamanha que requer um investimento considerável para sanar ou mesmo equalizar o problema de deficiência de livros em instituições públicas. Nas particulares a situação não é muito diferente, ali também a verba para aquisição de livros não é prioridade, o que indica falta de valor simbólico para o produto e uma característica cultural.

A estrutura das editoras que conseguem sobreviver no mercado proporciona um cabedal de empregos terceirizados, que não chegam a se caracterizar como significativos, mas que no montante de produção nacional toma outra proporção, o que leva a pensar que esse setor merece um tratamento especial em termos de estratégias para solucionar a crise apontada em recentes pesquisas.

É no sistema atual que a atividade editorial passa a existir a partir de uma formação profissional, de cursos de nível de graduação e do ensino de pós-graduação no espaço universitário que permitem uma especialização mais aprimorada nesse campo de atuação. Demais discussões e reflexões sobre o tema encontram espaço na academia e em atividades extracurriculares como congressos, seminários e grupos de estudo na área, envolvendo inclusive pesquisas interdisciplinares.

Variação na recepção

Uma das características do sistema atual de recepção é a crítica literária nos veículos de comunicação, que é restrita em grande parte a publicações especializadas em revistas e periódicos que circulam no sistema literário. Os

suplementos literários dos veículos de grande circulação são espaços disputadíssimos, onde participa todo tipo de editora e de projetos de publicação. A resenha mantém-se entre pares da academia e os espaços nos jornais colocam à disposição dos lançamentos pequenas dicas de leitura. No entanto, agentes de mediação como distribuidores, associações e livrarias têm lançado no mercado folhetos e periódicos voltados para o setor. Esses informativos normalmente contêm divulgação de novas publicações e entrevistas e matérias que reúnem o tema livro e problemas e novidades no setor.

Sob as circunstâncias atuais, a aquisição do livro enfrenta o baixo poder aquisitivo da população, sendo tratado como um produto de elite. No entanto, cada vez mais a difusão do livro abrange atividades que aproximam o autor do público leitor, como feiras de livros, programações em escolas etc., oportunidades de troca entre esses agentes, professores, público leitor e produtores. A ação das editoras didáticas junto às escolas é instaurada como política de divulgação direta aos professores. Essas editoras trabalham com tiragens especiais para tal finalidade, ação dificilmente atingida por editoras menores que utilizam estratégias de premiação, empréstimo, promoções, alternativas para alcançar o público escolar.

Ao contrário do que ocorre em outros países, o mercado do livro brasileiro é carente de pesquisas e de dados capazes de dar visibilidade à situação do setor. As bases estatísticas geralmente não são primárias e a fonte é comumente a mesma: Câmara Brasileira do Livro e Sindicato Nacional dos Editores de Livros. Por outro lado, o acesso a novas informações é difícil por se tratar de noções atuais.

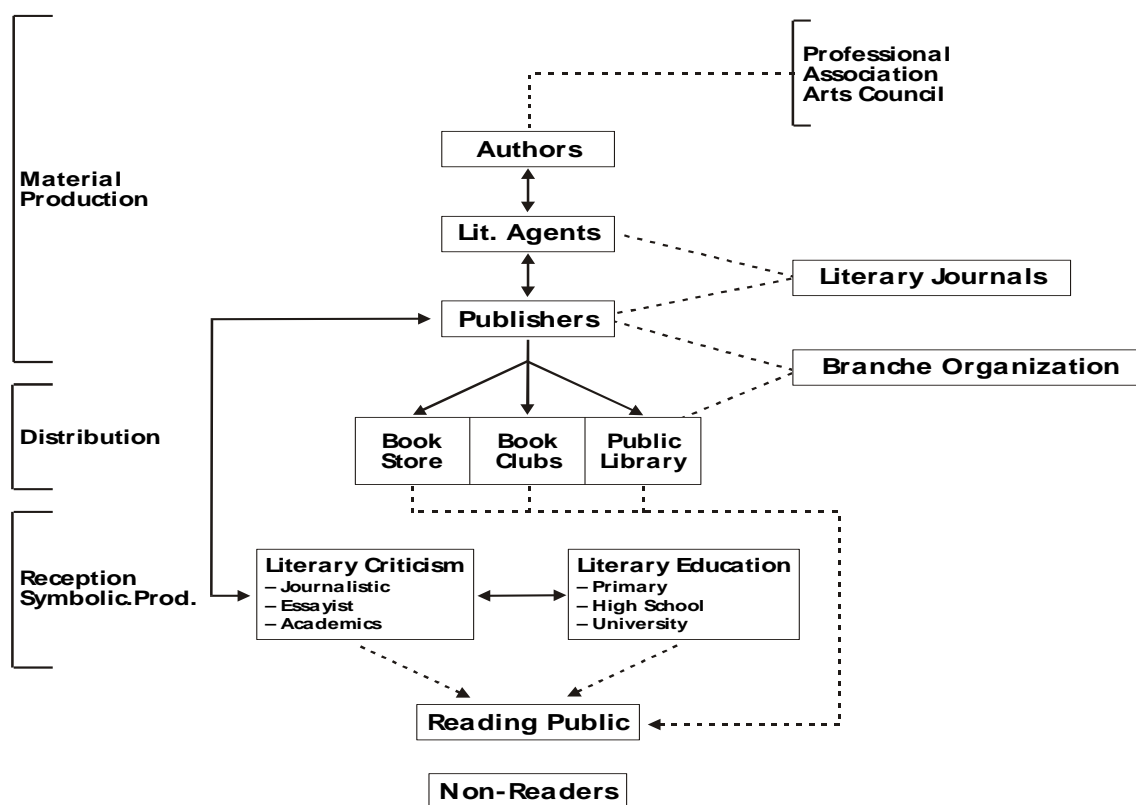
Demais aportes teóricos

Referenciais teóricos desenvolvidos em pressupostos advindos de outras áreas, como a sociologia, em especial por Pierre Bourdieu, podem servir de aporte para complementar abordagens sistêmicas como as de Siegfried Schmidt na investigação do sistema literário. A abordagem deste sociólogo considera que os agentes envolvidos no campo cultural – aqui entendido como conjunto de instituições ou grupos de agentes e suas relações envolvidos na produção, distribuição e promoção de bens simbólicos – indicam o campo literário como um

subcampo do cultural. Constitui-se, assim, foco de interesse para a investigação do sistema literário, ampliando às perspectivas construtivistas.

Em *Empirical approaches to literature*, Kees Van Rees (1995), professor da Universidade de Tilburg, reúne conceitos interdisciplinares para investigar a relação entre agentes literários nos processos de produção e recepção. A partir desse enfoque, ele desenvolve um modelo de estrutura do campo literário que especifica cada uma das fases do sistema a partir de seus agentes, conforme se percebe na figura 4:

Figura 4 – Campo literário



Tal esquema torna-se interessante para a investigação das pequenas e médias editoras porque apresenta, de forma sucinta, os elementos formadores do sistema literário com seus respectivos agentes.

Desse modo, à feição de um mosaico que se forma lentamente, a cada pequena peça que é juntada, também aqui se pretende chegar a um resultado satisfatório a partir de dados e referências biográficas dos agentes, de seus perfis,

de características da linha de catálogo editorial, do contexto da época, composto, então, através de métodos outros que reúnem informações que venham a ajudar a montar a grande peça que é o mercado editorial brasileiro. Por certo que o interesse maior aqui é verificar a constituição de pequenos e médios editores, sua maneira de inserção no mercado, seus métodos de percepção do público-alvo, da demanda, da concorrência, da concepção do produto, de sua viabilização ou não, e, inclusive, suas políticas de atuação junto a instituições governamentais, saídas alternativas para circulação do produto etc. Nesse sentido, com o escopo de melhor compreender a formação do mercado editorial, desenha-se a seguir, um cenário do setor do livro no Brasil atual.